

MUSEU E HISTÓRIA DO TRABALHO

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS

Paulo Fontes¹

Embora provavelmente mais disseminado e diversificado do que nunca, o trabalho, na era da chamada globalização, além de precarizado, tem sido desvalorizado e negligenciado como elemento simbólico fundamental na construção das narrativas históricas e identidades coletivas, tanto em âmbito nacional quanto internacional. O mundo do trabalho e a ação dos trabalhadores são cruciais para o entendimento da história de qualquer país, mas, em geral, tal história está ausente ou largamente subestimada nos museus históricos nacionais.

Instituições que se disseminaram a partir do século XIX, em um momento de fortalecimento da idéia do Estado nacional e de uma concepção de história elitista e patriarcal, com destaque para os “grandes heróis da nação”, os museus em geral, e particularmente no Brasil, têm tido grande dificuldade em incorporar uma história social que reconheça a fundamental

importância dos “de baixo” na trajetória das sociedades contemporâneas. Neste pequeno artigo apresento alguns exemplos internacionais de museus e iniciativas que vão na contracorrente dessa tradição e que elegeram o mundo do trabalho como um elemento privilegiado de análise e exposição.

Tradicionalmente, a temática do trabalho tem estado presente em diferentes tipos de museus em todo o mundo. Museus de empresas, por exemplo, apesar de serem criados majoritariamente para render loas a empresários e seu espírito empreendedor, são muitas vezes impelidos a tratar dos trabalhadores e seus ofícios, embora geralmente o façam de forma superficial. Processos produtivos, transformações tecnológicas e diferentes formas de trabalho são freqüentemente abordados em museus de ciência e tecnologia, particularmente comuns no norte europeu e nos Estados Unidos.

Museus especializados na história de cidades com forte passado (e presente) industrial ou intensamente vinculadas a uma atividade econômica preponderante (como a mineração, por exemplo) tendem a destacar a presença do trabalho em sua história e desenvolvimento urbano. Da mesma forma, museus dedicados a fenômenos históricos como a imigração ou escravidão necessariamente dedicam grande parte de seus acervos e exposições ao mundo do trabalho, intimamente relacionado àquelas temáticas.

A partir da Segunda Guerra Mundial, museus específicos sobre a história do trabalho e dos trabalhadores começaram a surgir na Europa. Vinculados a movimentos sociais de inspiração comunista, socialista ou social-democrática, a ênfase geral dessas instituições concentrava-se na atuação política dos trabalhadores, em particular no sindicalismo, partidos políticos e eventuais processos revolucionários. Não raramente, esses museus reproduziam em suas exposições as profundas divisões políticas dos movimentos trabalhistas, resultando em visões históricas freqüentemente marcadas pelo sectarismo, parcialidade e perspectivas exclusivamente celebratórias ou condenatórias, a depender da corrente política abordada.

As sensíveis transformações na historiografia sobre o trabalho e os novos temas da agenda política e social que emergiram a partir da década de 1960 também causaram grande impacto na forma e no conteúdo das abordagens dos museus sobre a classe trabalhadora. Estudos de historiadores sociais como os britânicos E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill e estadunidenses, como Herbert Gutman e David Montgomery, entre outros, influenciaram decisivamente não apenas a produção acadêmica, mas também a museografia sobre o trabalho.

Assim, a partir das décadas de 1970 e em particular 1980, o foco da atenção de muitos novos museus do trabalho que surgiram nesse período foi bastante alargado. Para além do processo produtivo ou da militância políti-

ca e sindical, procurou-se abordar um universo mais amplo da experiência da classe trabalhadora. Sua cultura, atividades de lazer, moradia e cotidiano foram valorizadas e incorporadas às exposições. Também as relações étnicas e de gênero, as experiências urbanas e de migração, entre outras, ganharam proeminência não apenas nos estudos da história do trabalho, mas também nesses espaços museográficos.

Há, nessas experiências, um evidente empenho em perceber e problematizar a heterogeneidade dos trabalhadores e, simultaneamente, compreender as possíveis articulações entre tais diferenciações e os processos de formação de classe e de sua ação coletiva. Nesse quadro geral, as dimensões humanas, a diversidade e a historicidade dos processos de industrialização e desenvolvimento capitalista passam a ser mais claramente destacadas.

O concomitante desenvolvimento de novas técnicas museográficas também contribuiu bastante para a renovação dos museus do trabalho. Muitas delas procuraram tornar os museus espaços de reflexão crítica, buscando questionar certo espírito saudosista ainda presente em muitos desses centros e destacar as fundamentais dimensões históricas de várias questões contemporâneas. A idéia de um “museu vivo”, com atividades culturais, educacionais, de preservação, e com uma relação ativa com as diversas comunidades a ele relacionadas, tornou-se fundamental e vem norteando a prática de grande parte dessas instituições.

O avanço e divulgação das técnicas e metodologias da história oral a partir dos anos 1960 tiveram particular importância no processo de renovação museográfica na área do trabalho. Ao impulsionar movimentos de pesquisa e discussão de história local e popular fora dos ambientes universitários, como o History Workshop na Grã-Bretanha e o Dig where you Stand na Suécia, a história oral teve um forte papel de motivação na criação de novos museus do trabalho, sendo, ao mesmo tempo, uma das técnicas mais utilizadas para a elaboração de exposições sobre períodos mais recentes. Sua utilização é uma das formas mais bem-sucedidas de aproximação desses museus com as experiências e interesses dos homens e mulheres comuns.

Também os processos de desindustrialização e realocação industrial comuns na Europa Ocidental e América do Norte a partir de meados dos anos 1970 e os debates em torno da renovação urbana em numerosas antigas cidades fabris têm motivado a discussão sobre a preservação e reutilização de diversos monumentos industriais. Muitos deles passaram a ser reconhecidos como parte integrante do patrimônio histórico e cultural em diversos países.

Na universidade, esse tema tem sido desenvolvido no campo do chamado patrimônio industrial ou arqueologia industrial, área eminentemente in-

terdisciplinar, envolvendo historiadores, arquitetos, sociólogos, profissionais da restauração e do turismo, entre outros. Associações nacionais pela preservação desse patrimônio também foram criadas e atualmente congregam-se numa ativa organização internacional, o The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage², que promove congressos, publicações e um intenso debate público sobre a questão.

Em várias localidades, antigas fábricas tornaram-se espaços privilegiados para o surgimento de museus e centros culturais. Um exemplo admirável nesse sentido é o Museu Quarry Bank Mill na Inglaterra³. Construído nas instalações de uma fábrica têxtil fundada em 1784, o museu não apenas maquinários e processos de trabalho do período da Revolução Industrial, mas também fornece detalhes sobre a vida cotidiana dos trabalhadores, incluindo informações sobre o disseminado trabalho infantil de aprendizes, bastante comum na empresa até a década de 1840. As instalações do museu incluem as moradias operárias construídas numa vila anexa à indústria.

A cidade de Lowell, nos Estados Unidos, é outro impressionante exemplo de revitalização cultural e turística a partir da reutilização de seu patrimônio industrial, com ênfase na história dos trabalhadores daquela região. Localizada no estado de Massachusetts, Lowell foi a segunda cidade industrial planejada dos Estados Unidos e um dos principais centros da produção manufatureira têxtil daquele país no século XIX. Após a Segunda Guerra Mundial, a produção local entrou em declínio, que se tornou dramático a partir da década de 1970, com o fechamento de empresas e desemprego disseminado.

Já nesse período, porém, lideranças políticas e comunitárias passaram a argumentar que o passado industrial de Lowell, suas fábricas abandonadas, canais, trabalhadores e cultura fabril deveriam ser vistos como um potencial aspecto para a retomada do desenvolvimento local. Nesse sentido foi arquitetado o “Plano Lowell”, uma parceria entre organizações comunitárias, empresariado local e lideranças políticas, entre as quais se destacava o então senador democrata Paul Tsongas, cuja carreira política havia sido construída naquela localidade. Um dos principais resultados do plano foi a bem-sucedida campanha para transformar a cidade no primeiro parque histórico nacional de base industrial do país.

Contando com recursos financeiros estaduais e federais, o Lowell National Historical Park⁴ foi instituído ao longo dos anos 1980. Entre as principais atrações do parque está o The Boot Cotton Mills Museum, um museu que reproduz o trabalho numa fábrica têxtil do século XIX. Além de exemplares do maquinário e simulações do processo produtivo, as exposições dão forte ênfase para o cotidiano operário. O pensionato feminino criado pela fábrica foi restaurado e compõe o espaço museográfico, bem como são abundantes as

informações sobre as diversas gerações de imigrantes de diferentes nacionalidades que fizeram parte da classe operária local.

Em conjunto com a Universidade de Massachusetts, o parque criou o The Tsongas Industrial Historical Center⁵, que utiliza as numerosas instalações e recursos de Lowell para desenvolver um avançado programa educacional voltado a estudantes e professores. Direcionado prioritariamente para as escolas de ensino fundamental e médio, o programa é cuidadosamente estruturado para ajudar os professores com as disciplinas de ciência, história, língua, artes, etc. Materiais didáticos específicos e oficinas especiais são oferecidas para docentes e alunos que diariamente visitam Lowell. As atividades têm sido muito bem-sucedidas. Em um dia típico, cerca de quatrocentos estudantes e professores participam de programas temáticos de quatro horas, visitando o Boot Museum e outras instalações de Lowell. Temas como a história e a ciência na Revolução Industrial, as mudanças no papel das mulheres, imigração e urbanização são utilizados como eixos gerais para as variadas atividades didáticas desenvolvidas.

Próximo a Lowell, também no estado de Massachusetts, encontra-se outra interessante experiência de preservação e divulgação da história do trabalho no Estados Unidos: o Lawrence Heritage State Park⁶. Chamada de “cidade dos trabalhadores”, Lawrence foi outro importante centro industrial têxtil no século XIX e palco de um dos mais famosos conflitos trabalhistas da história americana, a greve Bread and Roses (Pão e Rosas) de 1912, quando mais de 30 mil trabalhadores da cidade, em sua maioria mulheres imigrantes de diferentes nacionalidades, paralisaram seu trabalho por mais de dois meses. Além de uma exibição específica sobre essa greve (incluindo um documentário e pinturas de Ralph Fasanella, artista plástico conhecido por suas imagens da classe trabalhadora), o Lawrence Heritage State Park reproduz diferentes aspectos da vida operária na cidade e fornece informações detalhadas sobre as mais de trinta comunidades imigrantes que se instalaram em Lawrence entre meados do século XIX e início do XX.

Trabalhadores migrantes também são o foco de um recente museu da cidade de Nova York, o Lower East Side Tenement Museum⁷. Enquanto as longas viagens e as condições da chegada dos milhões de imigrantes que se dirigiram para os Estados Unidos são abordadas no mais antigo e famoso Ellis Island Immigration Museum (a antiga hospedaria dos imigrantes na Ilha de Ellis, ao lado da Estátua da Liberdade⁸), o Tenement enfatiza a vida cotidiana, a moradia e o mundo do trabalho dos recém-chegados, bem como o saber coletivo de suas comunidades. O museu reproduz a casa e condições de trabalho de diferentes famílias de imigrantes (irlandeses, judeus do leste europeu, italianos, etc) num antigo *tenement* (espécie de cortiço localizado num prédio

de três ou quatro andares, onde dezenas de famílias residiam e trabalhavam em pequenos apartamentos e quartos) restaurado. Com base em minuciosa pesquisa sobre os antigos residentes do prédio onde se localiza o museu, as visitas guiadas trazem detalhadas informações sobre diferentes gerações de trabalhadores que construíram a riqueza da Big Apple. Em parceria com associações comunitárias locais, o Tenement Museum ainda oferece visitas guiadas a Lower East Side, tradicional bairro de imigrantes até os dias de hoje.

Fora dos Estados Unidos e Europa, a temática dos trabalhadores migrantes também mereceu a construção de um museu específico na África do Sul. O The Workers Museum, fundado recentemente em Johannesburgo, dedica-se à divulgação das tradições políticas e culturais dos migrantes de vários países africanos que se dirigiram para aquela cidade há décadas. Em 2006, o museu, em conjunto com o Khanya College, iniciou um ambicioso projeto de preservação das instalações da hospedaria de imigrantes localizada no bairro de Newtown.

Um dos mais interessantes exemplos internacionais de museu do trabalho encontra-se na cidade de Manchester, na Inglaterra. Fundado no final dos anos 1990, The PumpHouse: People's History Museum⁹ é um herdeiro direto dos movimentos de renovação da história social dentro e fora da academia na Grã-Bretanha nas décadas de 1960 e 1970. Não por acaso, suas exposições permanentes e temporárias têm sido chamadas de "thompsonianas" e refletem uma concepção bastante ampla e rica da história do trabalho. Para além da abordagem (bastante plural, ressalte-se) dos movimentos políticos dos trabalhadores e de suas organizações, como partidos, sindicatos e cooperativas, há um espaço enorme para a compreensão da cultura, do lazer e do cotidiano e as relações e conexões entre essas várias dimensões da vida das classes subalternas.

Com uma coleção bastante diversificada, o PumpHouse reproduz, em suas várias galerias, cenas de eventos importantes da história política e sindical britânica, momentos de lazer e trabalho, ambientes fabris e de bairros operários, entre muitas outros. Maquinários, utensílios cotidianos, fotografias, pinturas, pôsteres, ferramentas e inúmeros outros objetos são dispostos de maneira temática e interagem com filmes e depoimentos de história oral, compondo exposições altamente interativas e didáticas. As bandeiras sindicais e de ofícios são uma das principais relíquias da coleção, e o museu mantém uma oficina de conservação têxtil especializada em sua preservação. O PumpHouse também possui um serviço educacional que estabelece convênios com escolas e universidades e um amplo arquivo que reúne em seu acervo importantes coleções, como as documentações dos partidos Trabalhista e Comunista. Atualmente, as galerias do museu encon-

tram-se fechadas, em obras. O término das reformas e reabertura do museu está prevista para o final de 2009.

O The Worker's Museum em Copenhague, Dinamarca¹⁰ guarda várias semelhanças com o PumpHouse inglês. Suas exposições permanentes focam a história cultural da classe trabalhadora dinamarquesa desde 1850 até os dias de hoje. Uma de suas galerias mais populares chama-se "A família Sorensen" e relata a história (baseada em farta documentação e depoimentos orais) de três gerações de uma família trabalhadora de Copenhague. O museu está localizado no mais antigo salão de reuniões de trabalhadores dos países nórdicos, um edifício de 1879. Contando com forte apoio da central sindical dinamarquesa, o The Worker's Museum também hospeda uma ampla biblioteca e um arquivo especializado na história do trabalho na Dinamarca.

Em 1997, o PumpHouse Museum da Inglaterra e o The Worker's Museum dinamarquês, em conjunto com instituições européias similares como o Museum der Arbeit de Hamburgo, Alemanha, o Norwegian Industrial and Labour Museum da Noruega e o Museum of Work da Suécia estiveram à frente da constituição da primeira associação internacional de museus do trabalho, a Worklab¹¹. Com o objetivo de promover e coordenar as ações dos diversos museus, bem como trocar e desenvolver experiências em conjunto tanto nas coleções quanto nas exposições e pesquisa, a Worklab tem tido um importante papel na divulgação e articulação de projetos comuns entre os museus do trabalho europeus.

No Brasil, infelizmente, a temática do trabalho tem estado bastante sub-representada na grande maioria dos museus históricos nacionais. Museus específicos sobre o trabalho são mais raros ainda. Uma das experiências mais antigas é o Museu do Trabalho em Porto Alegre¹². O Memorial do Imigrante¹³, localizado na antiga Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, dedica um considerável espaço para o mundo do trabalho em suas coleções e exposições. Recentemente foi inaugurado em Belo Horizonte o Museu de Artes e Ofícios (MAO)¹⁴. Localizado na Estação Central da cidade, o MAO é uma iniciativa inovadora e bastante bem-sucedida de um centro cultural dedicado à preservação de objetos, instrumentos e utensílios do trabalho do período pré-industrial.

Certamente ainda há muito a fazer em termos da preservação e divulgação da memória e história do trabalho nos museus e centros culturais do nosso país. Temos poucos espaços de exposição sobre o trabalho escravo ou o trabalho rural, por exemplo, e mesmo a diversidade de nossa experiência industrial ainda é pouco divulgada. Talvez este seja um momento privilegiado para pensarmos a questão. A conjunção de uma avançada e ampla historiografia social do trabalho de dimensão nacional com a rica experiência política

da classe trabalhadora nos oferece oportunidade única de construir uma história pública que combata a “amnésia social” e mostre o papel fundamental do mundo do trabalho e dos trabalhadores em nossa sociedade.

NOTAS

¹ Professor do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Doutor em história social do trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi professor visitante nas Universidades de Duke (2004) e Princeton (2006/2007) nos Estados Unidos. Autor de *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista: 1945-1966*. São Paulo: FGV, 2008. Contato do autor: pfontes@mandic.com.br.

² Disponível em <<http://www.mnactec.cat/ticcih/>>.

³ Disponível em <www.quarrybankmill.org.uk>.

⁴ Disponível em <www.nps.gov/lowe/>.

⁵ Disponível em <www.uml.edu/tsongas>.

⁶ Disponível em <www.mass.gov/dcr/parks/northeast/lwhp.htm>.

⁷ Disponível em <www.tenement.org>.

⁸ Disponível em <www.ellisland.com/ellis_home.html>.

⁹ Disponível em <<http://82.71.77.169/>>.

¹⁰ Disponível em <www.arbejdermuseet.dk>.

¹¹ Disponível em <www.worklab.dk>.

¹² Disponível em <www.museudotrabalho.org>.

¹³ Disponível em <www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>.

¹⁴ Disponível em <www.mao.org.br>.